

A música e a religião na resolução de um problema social complexo: o uso abusivo de psicoativos*

Music and religion in the resolution of a complex social problem:
the abusive use of psychoactive drugs

Sandro Santos da Rosa **

Doutorando em Teologia (EST)
Com apoio da CAPES

Andréia Nicaretta ***

Graduanda em Teologia (EST) e Filosofia (Unisinos)
Bolsista CNPq de Iniciação Científica

Resumo

O consumo de drogas por crianças, adolescentes e pessoas adultas se destaca no âmbito social e político. Esse problema político-social configura-se como patologia e merece atenção por profissionais das mais variadas áreas, pela necessidade do interstício de frentes de atuação na prevenção, reabilitação e promoção de saúde junto às pessoas dependentes de drogas psicoativas. Por intermédio de pesquisa bibliográfica, identificar-se-á como a música e a religião – e suas significações para a existência humana e a cultura – estão aliadas ao devir e à evolução/desenvolvimento da humanidade. Apresentar-se-á reflexões que relacionam a música e a religião, apontando perspectivas referentes a intervenções musicoterapêuticas, sendo a música e a religião, ferramentas úteis tanto para o processo de reabilitação quanto para a prevenção ao abuso de drogas psicoativas. Conclui-se que o ser humano utiliza drogas, religião e artes como meios de ir além do já posto – do mundo em si. Transcender por intermédio de drogas, religião ou artes é inerente ao ser humano. Sendo a música e a religião elementos idiossincráticos ao ser humano, a união dessas pode oferecer e elaborar, no plano terapêutico, uma perspectiva de vida e de (re)elaboração pessoal (devir) jamais alcançada pelas pessoas em reabilitação pelo abuso de drogas.

Palavras-chave

Música. Religião. Drogas. Política. Cultura.

* O artigo provém da monografia intitulada “O uso abusivo de substâncias psicoativas na perspectiva que envolve a música e a religião numa abordagem musicoterapêutica”, realizada para obtenção de aprovação no componente curricular “Ciências das Religiões”, ministrado pelo professor Dr. Oneide Bobsin, cursado em 2011 no Mestrado em Teologia do Programa de Pós-Graduação da Faculdade EST. Provém também da Dissertação de Mestrado em Teologia defendida em março de 2013, intitulada “Musicoterapia e cuidado humano: reabilitação de pessoas que fazem uso abusivo de substâncias psicoativas”, orientada pelo professor Dr. Júlio César Adam e co-orientada pela professora Dr^a Laura Franch Schmidt da Silva.

** Doutorando em Teologia – Mestre em Teologia – Bacharel em Musicoterapia – Faculdade EST. Bolsista da CAPES – Entidade governamental brasileira de incentivo à pesquisa científica e à formação de recursos humanos. Integrante do Grupo de Pesquisa “Culto cristão, música e mídia na contemporaneidade”, coordenado por Júlio César Adam. E-mail: sandromusik@hotmail.com.

*** Bacharelanda em Teologia – Faculdade EST e Licencianda em Filosofia – Universidade Rio dos Sinos/Unisinos. Bolsista do CNPq – Iniciação Científica. Orientador de pesquisa: Luiz Rohden. E-mail: andreia.nicaretta@hotmail.com.

Abstract

The consumption of drugs by children, adolescents and adults stands out in the political and social spheres. This social and political problem forms pathology and deserves the attention of professionals from a variety of fields for the necessity of an interstice between the work fronts in the prevention, rehabilitation and health promotion with people dependent on psychoactive drugs. Through bibliographic research, it is identified how music and religion - and their meanings to human existence and culture - are linked to the becoming, evolution and development of humanity. Presented reflections relate music to religion, pointing out perspectives regarding music therapeutic interventions, being music and religion important tools for not only the rehabilitation process, but also the prevention from the psychoactive drug abuse. The conclusion is that the human being uses drugs, religion and art to go beyond what is known - the world itself. In order to transcend by means of drugs, religion and music is inherent to the human being. Since music and religion are idiosyncratic elements to humans, their union can offer and formulate, in the therapeutic ambit, a perspective of life and personal (re)construction (becoming) never reached before by the people in rehabilitation for drug abuse.

Keywords

Music. Religion. Drugs. Politics. Culture.

Considerações Iniciais

O tema proposto será apresentado em três partes. Na primeira parte, explanar-se-á a relação das substâncias psicoativas com a sociedade. O uso de drogas e seus significados se modificam de sujeito para sujeito, de grupo para grupo, ainda que dentro de uma mesma cultura e contexto social. Traça-se, então, um panorama sobre as nuances que fazem do uso abusivo de substâncias por indivíduos, uma das mais graves problemáticas sociais e de saúde pública no Brasil e no mundo.

A segunda parte identificará como a música e suas significações à existência humana tocam o indivíduo, tornando-se vitais por estarem aliadas ao *dever* - evolução - desenvolvimento da humanidade. Na terceira e última parte, apresentar-se-á reflexões que relacionam a música e a religião e, conseqüentemente, explanar-se-á o *porquê* de uma *possível* intervenção musicoterapêutica, sendo essas (música e religião), importantes ferramentas junto às pessoas em processo de reabilitação e prevenção ao uso abusivo de substâncias psicoativas.

O uso abusivo de drogas: uma realidade a ser superada

Historicamente, constata-se a propensão do ser humano ao uso abusivo de substâncias psicoativas. Essas vão desde produtos de origem natural até aqueles produzidos em laboratório, dessa forma, o ser humano sempre buscou modificar o humor,

a percepção e as sensações por meio de substâncias, com finalidades culturais, relaxantes ou simplesmente recreacionais. O uso de substâncias sempre esteve ligado à produção intelectual, principalmente, às produções artísticas poéticas e musicais.¹ De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), cerca de 10% das populações dos centros urbanos de todo o mundo consomem abusivamente substâncias psicoativas, independentemente da idade, sexo, nível de instrução e poder aquisitivo.²

Há de se considerar que, em nossa sociedade, o uso abusivo de substâncias é um problema que não pode ser homogeneizado. O uso de drogas e seus significados se modificam de sujeito para sujeito, de grupo para grupo, ainda que dentro de uma mesma cultura e contexto social. Por isso, é necessário que se tenha conhecimento do entorno que leva o ser humano, na sua individualidade e identidade, a fazer uso de psicoativos. É árdua a análise de enfrentamento ao uso abusivo de substâncias, sendo ela preventiva e/ou de enfrentamento ao uso recorrente, por ser uma problemática de ramificações individuais fundidas por uma sociedade problemática.³

Questiona-se incessantemente sobre as nuances que fazem do uso abusivo de substâncias psicoativas, como o uso do *crack*, ser uma epidemia que ignora idade, etnia, escolaridade e classe social. Especialistas e mais especialistas discutem o aumento expressivo da droga nos últimos anos, especialmente na última década.

O questionamento central relacionado ao abuso de drogas refere-se aos motivos sociais que fazem com que a *experiência* torne-se uso *abusivo* de substâncias psicoativas. Parte das justificativas toma como base analítica o contexto sócio-político que reforça os valores baseados no consumismo e prazer imediatista, ambos produzidos pela máquina capitalista, associados também à pauperização de importante parcela da população em todo mundo. Dentre os vários fatores citados acima sobre os riscos para o consumo e motivos do uso, alguns se têm destacado nos estudos feitos em torno do uso do *crack*, tais como: 1) insatisfação na qualidade de vida; 2) facilidade de acesso às drogas.

O *crack* é uma das drogas mais letais e uma das mais baratas, sendo também a que mais se alastrou, tendo dela o maior número de dependentes, causando, entre outras drogas, o maior número de mortes na última década, fazendo da sociedade uma “presa” fácil. A realidade brasileira revela que já não se pode dizer que os psicoativos, em geral, são consumidos apenas pela população carente, mesmo sendo essa a mais propensa e

¹ LIMA, Elson S., AZEVEDO, Renata Cruz S. (Orgs). *Programa de prevenção ao uso abusivo de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas na Unicamp*. Disponível em: <<http://www.prdu.unicamp.br/vivamais/Projeto.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2011.

² COSTA, Humberto. *A política do ministério da saúde*. Disponível em: <http://www.almg.gov.br/eventos/imagens/politica_ministerio_saude.pdf>. Acesso em: 11 abr. 2011.

³ BRASIL. Ministério da Saúde. *Políticas públicas em contextos de violência relacionados ao consumo de álcool e outras drogas*. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

tendo maior número de dependentes. Pessoas das classes média e alta estão acometidas pela patologia.⁴

Sobre o *crack*, no Brasil,⁵ 1,2 milhões de brasileiros já estão viciados na droga, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O país detém 81,7% das apreensões da droga na América do Sul, de acordo com o Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (Unodoc) e 300 mil pessoas vão morrer nos próximos seis anos, segundo a estimativa de especialistas no assunto, sendo majoritariamente afetadas, pessoas em vulnerabilidade pessoal e social.⁶

Segundo as *Políticas públicas em contextos de violência relacionados ao consumo de álcool e outras drogas*, elaboradas pelo Ministério da Saúde, a vulnerabilidade pessoal está associada ao comportamento de cada indivíduo, que depende, portanto, do grau e da qualidade da informação que dispõem, da sua capacidade de elaborar essas informações e incorporá-los ao seu repertório cotidiano e, também, das possibilidades efetivas de transformar suas práticas. A isso, está relacionado também, o grau de consciência e, de certa forma, importância que os indivíduos têm e dão às práticas, concebidas moralmente, indevidas e danosas, como o uso abusivo de substâncias.⁷

As condições de vulnerabilidade social encontram seu terreno na geografia da pobreza, que por ser complexa não pode ser compreendida através do estudo isolado de fragmentos de informações, mas somente por um exame do contexto responsável por uma determinada combinação.⁸ A partir disso, no presente escrito, toda e qualquer menção à pessoa pobre ou à pobreza estará relacionada de maneira geral às pessoas que se enquadram no perfil das vulnerabilidades pessoal e social.

A seguir, verificar-se-á a importância da música na vida humana, para que se possa relacioná-la, na última parte do artigo, à importância da religião na vida das pessoas, sendo a música e a religião, juntas, possibilidades estratégicas no que diz respeito à intervenção musicoterapêutica junto a pessoas em reabilitação pelo abuso de drogas.

A música na existência humana

São controversas e inúmeras as opiniões e teorias sobre a origem da música. As primeiras teorias estão ligadas a personagens bíblicos e figuras da mitologia grega. Sabe-se

⁴ LIMA, Elson S., AZEVEDO, Renata Cruz S. (Orgs). *Programa de prevenção ao uso abusivo de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas na Unicamp*. Disponível em: <<http://www.prdu.unicamp.br/vivamais/Projeto.pdf>>. Acesso em: 02 jul. 2011.

⁵ Os dados a seguir são do ano de 2011.

⁶ COLEÇÃO VOCÊ E SUA SAÚDE ESPECIAL. *Crack. É possível vencer a droga*. São Paulo: Editora Minuano, Ano I, n. 01, 2011. p. 28.

⁷ BRASIL. Ministério da Saúde. *Políticas públicas em contextos de violência relacionados ao consumo de álcool e outras drogas*. Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

⁸ MILLÉO, José Carlos. *A utilização dos indicadores sociais pela geografia: uma análise crítica*. Niterói : [s. n.], 2005. p.71.

atualmente, no entanto, que sua origem vem de muito antes, já com os sons proferidos pelo ser humano ancestral.⁹ Sobre a música, o único consenso entre os estudiosos, é que a parte vital do seu ser foi constituída por dois elementos: o ritmo e o som; e que o ser humano, com sua inteligência prodigiosa e o seu poder criativo, foi que os uniu numa admirável simbiose, fazendo da música, a única linguagem que pode ser compreendida por todos os povos.¹⁰

É importante ratificar a inteligibilidade da música concernida à vida do ser humano – e a relação racional desse com a arte. Essa exclusividade em perceber, produzir e buscar o belo/estético o distingue dos demais seres vivos. A música, sem precisar anotar ou recorrer a qualquer tipo de afirmação, é essencialmente organizada (rítmica, melódica e harmonicamente a partir de sons escolhidos) pelo ser humano, sendo esse o único capaz de fazer a intermediação/relação entre a arte e o mundo como um todo. Em suma, a música não surge de algo que não seja pela intervenção racional humana, muito menos é veiculada por algo que não esteja relacionada à ação humana intelectual de produção, interpretação e/ou apreciação.

A produção étnica musical de um povo, que cria e aprecia elementos musicais em detrimento de outras características presentes em outras culturas, vêm sendo pesquisado desde Darwin por musicólogos, músicos, neurocientistas, psicólogos, sociólogos, antropólogos, musicoterapeutas, etc. O próprio Darwin acreditava que a música foi desenvolvida pela seleção natural, integrando os rituais humanos ou paleo-humanos de acasalamento. Steve Pinker, renomado cientista cognitivo colocara que, “a linguagem, com toda a evidência, é uma adaptação evolutiva”.¹¹ No entanto, por ser a música uma forma de comunicação/significação através de signos e significantes (podendo caracterizar-se como linguagem), ela fez parte de todo o processo de evolução e racionalização do ser humano, desenvolvendo em cada âmbito cultural (junto às outras formas de comunicação) particularidades étnicas que são definidas pelo tempo e espaço em que cada povo vive.

No decorrer da história, muitos pensadores das mais variadas áreas de saber expressaram sua veneração à música. Martin Lutero (1483-1546) eternizou sua compreensão sobre música da seguinte forma: “Ela é um dom de Deus e não dos homens. [...] Com ela se esquecem a cólera e todos os vícios. Por isso, não temo afirmar que depois da Teologia nenhuma arte pode ser equiparada à música”.¹²

⁹ CARVALHO, Any Raquel. *Contraponto modal: manual prático*. 2. ed. Porto Alegre: Evangraf, 2006. p. 14.

¹⁰ LEINIG, Clotilde Espínola. *A Música e a Ciência se Encontram*. Curitiba: Juruá, 2008. p. 31. No decorrer do trabalho, apresentar-se-á opiniões contrárias às que dizem que a música é uma linguagem universal.

¹¹ LEVITIN, Daniel J. *A música no seu cérebro: a ciência de uma obsessão humana*. Tradução de Clóvis Marques do Título original: *This is your brain on music: the science of a human obsession*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010. p. 279.

¹² Muitos trabalhos acadêmicos abordam esse dito de Lutero sobre a música. Porém, não há clareza sobre em qual obra Lutero teria exposto essa ideia. Na nota a seguir exibir-se-á a obra que fundamenta essa ideia. MORAES, J. Jota de. *O que é música*. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1986. p. 44.

Para Nietzsche¹³ (1844-1900), enquanto as palavras reproduzem o fenômeno, a música representa a realidade, na qual, sendo metafisicamente¹⁴ anterior à palavra, a música tem sobre ela primazia.

Susanne Langer, uma filósofa versada sobre as reflexões que envolvem o signo, o significante, o significado e suas transmutações estéticas,¹⁵ coloca que: “a atividade artística [...] é uma expressão de dinamismos primitivos, de desejos inconscientes, e usa os objetos e cenas representados para corporificar as fantasias secretas do artista”¹⁶. A partir disso, a autora pondera que, “a música é preeminentemente não representativa [...]. Ela exibe a forma pura não como embelezamento”¹⁷, mas como a própria essência de *ser* humano. Na mesma direção, Nietzsche relaciona música e vida. O filósofo compreende que vida é (ou deveria ser) “vontade de potência”.¹⁸ A música relacionada à vontade de potência/poder, diz respeito aos seres vivos, atua nos mais íntimos elementos que os constituem: as células, os tecidos e os órgãos.¹⁹

Mas, como último dado relacionado a importância da música na vida humana, pode-se destacar o que diz J. de Moraes:

A música é, entre outras coisas, uma forma de representar o mundo, de relacionar-se com ele e de concretizar novos mundos, [...]. Em música, aquilo que chamamos de passado passa a existir, [...] fluido ponto de encontro que nos remete ao que ainda não conhecemos. Simultaneidade – já que o entrecruzar de planos temporais, de espaços, de idéias, de memórias, de sensações, de estruturas – transforma o presente que aponta à categoria primeira, o futuro: fantástico campo prenhe de possibilidades por vir.²⁰

Contudo, se não *existisse* motivo significante essencial para o devir humano, a música não estaria, assim como as concepções de Deus e o Sagrado, em todos os lugares do mundo. A partir disso, a próxima parte apresentará reflexões que relacionam a música e a religião, sendo essas apontadas como importantes ferramentas junto a pessoas em reabilitação pelo uso abusivo de substâncias psicoativas.

¹³ DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche e a música*. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2005. p. 48.

¹⁴ *Metafísica*: trata da natureza fundamental e da realidade do ser. *Metafísico*: é aquele que transcende a natureza das coisas. *Metafisicamente*: trata transcendentemente da natureza. MICHAELIS. *Dicionário prático da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

¹⁵ Esse escrito não se aterá em expor ou analisar as funções e desdobramentos semiológicos dos símbolos e signos, mas sim, analisará a função simbólica da música na vida dos seres humanos.

¹⁶ LANGER, Susanne. K. *Filosofia em nova chave*. Trad. por Janete Meiches e J. Guinsburg. Título original: *Philosophy in a new key*. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 207.

¹⁷ LANGER, 2004. p. 210.

¹⁸ Esse termo foi desenvolvido pelo autor em boa parte de toda a sua obra, principalmente na segunda metade de sua produção. De maneira geral, a vontade de poder/potência não é somente a essência da vida, mas também é necessidade dessa.

¹⁹ DIAS, 2005. p. 160.

²⁰ MORAES, 1986. p. 44.

Religião, a experiência do sagrado e sua relação com a música: o possível porquê de uma intervenção

Sobre a religião, é árdua uma definição que abranja tudo o que já foi concebido como sendo religioso. Numa perspectiva geral, poder-se-ia pensar religião como aquilo que é projetado para além dos limites abarcados pelos poderes do ser humano, de agir ou poder agir, em que tais poderes (humanos) são impotentes, sendo o modo de ação daquilo que se projeta, misterioso e imperscrutável.²¹ É a partir dessa concepção teológico-filosófica geral que se exprime a ideia do sagrado. Tanto Eliade, principalmente em sua obra *“Profano e o sagrado”*²², quanto Rudolf Otto em sua obra *“O sagrado”*, que é anterior a de Eliade, propunham que o sagrado é inteiramente outro. Uma força que engendra sentimentos de espanto, quase de temor, mas por outro lado tem um poder de atração ao qual é difícil resistir.²³

Severino Croatto, na introdução de obra *“As linguagens da experiência religiosa”*, escreve que:

Todas as culturas e todos os povos tiveram e têm uma expressão religiosa [...], manifestações religiosas que têm seu veículo na simbologia, na linguagem, na literatura, na arte, em rituais variadíssimos, nos corpos doutrinários, nos modelos de vida.²⁴

Para explicitar os veículos referidos por Croatto, seguirá um resumo do enredo semiológico no qual a religiosidade do ser humano navega: a *linguagem, o erótico-amor e a arte*.

- 1) A linguagem é sua evidência mais freqüente; e são mais simbólicas as linguagens poética e lírica;
- 2) Quanto mais profunda é a experiência do amor, mais simbólica é sua expressão;
- 3) A trans-significação do real na arte é outra forma de simbólico.²⁵

O sistema religioso ocupa um lugar especial junto a esses três grandes sistemas simbólicos. Nessa passagem, Croatto instiga o leitor: *Por que é assim?* Para não navegar em águas impróprias e/ou desconhecidas, o presente escrito ater-se-á no terceiro tópico proposto por Croatto: *“A trans-significação do real na arte”*; especificamente a música.

²¹ ABBAGNAMO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Traduzido por Alfredo Bosi. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 997.

²² ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

²³ GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. Tradução: Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 19.

²⁴ CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 09.

²⁵ CROATTO, 2001. p. 84.

Há que se considerar a contribuição do teólogo Martin Lutero para o movimento musical na Igreja como um todo. Carl Schalk, fez um sucinto e importante apanhado sobre Lutero e a música. Nessa obra o autor recorda passagens importantíssimas que evidenciam a prioridade da música para Lutero, no fomento da vida cristã e no culto da Igreja. Em uma das passagens do livro o autor esboça a seguinte opinião de Lutero em relação à música:

A música é uma esplêndida dádiva de Deus e eu gostaria de exaltá-la com todo o meu coração e recomendá-la a todos. Mas eu estou tão dominado pela diversidade e magnitude de suas virtudes e benefícios que [...], por mais que eu queira exaltá-la, minha exaltação será insuficiente e inadequada [...]. Se quiseres confortar os tristes, aterrorizar os felizes, encorajar os desesperados, tornar humildes os orgulhosos, acalmar os inquietos ou tranquilizar os que estão tomados por ódio [...] que meio mais efetivo do que a música poderias encontrar?²⁶

Relacionada à expressão religiosa da humanidade (ritual, culto), seguindo as concepções de Nietzsche e Lévi-Strauss, a música potencializa a já elevada linguagem do Sagrado (bíblico, a exemplo), numa relação que altera o estado espiritual do ser humano e projeta-o para além de si mesmo. Poder-se-ia afirmar, sem dúvidas, a partir do próprio entendimento de Lutero sobre a música, que a relação entre música e “palavra – linguagem – sagrada – religiosa”, em um culto ou ritual religioso, formam um plano transcendental que seria incapaz de ser concebido sem essa união. Com isso, como poderia ser pensada a união da música e da religião no *setting* musicoterapêutico, na reabilitação de pessoas patologicamente afetadas pelo abuso de drogas?

A Musicoterapia é uma ciência contemporânea híbrida da intersecção de outras áreas de conhecimento advindas da Música, das Ciências Humanas e da Saúde. Frente a isso, é preciso que o musicoterapeuta como cientista, para alcançar uma posição simétrica geral de seu conhecimento, se depare com o saber adquirido, incluindo as características dos vários campos epistemológicos, compreendendo a complexidade das misturas que originam determinados conhecimentos, registrando semelhanças e diferenças entre os envolvidos no campo interdisciplinar.²⁷ No presente escrito, o hibridismo procura caminhos no campo da Musicoterapia e da Teologia, nas questões que envolvem a religiosidade humana e sua disposição ao transcendental.

Partindo de um preceito do filósofo Nietzsche²⁸ no qual “o som é o meio mais importante para se desembaraçar da individualidade”²⁹, observa-se que, ao interagir

²⁶ SCHALK, Carl F. *Lutero e a música: paradigmas de louvor*. Traduzido por Werner Ewald. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 08.

²⁷ CHAGAS, Marly; PEDRO, Rosa. *Musicoterapia: desafios entre a modernidade e a contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Mauad X: Bapera, 2008. p. 66.

²⁸ A citação não provém diretamente de Nietzsche, porque a mesma encontra-se num contexto específico da relação de Nietzsche com a música.

“socialmente”³⁰ numa sessão (paciente(s), musicoterapeuta, música, espaço físico), onde a música representa o conflito³¹, o paciente encontra-se junto ao terapeuta para resolver esse conflito promovido pela experiência musical. Dessa forma, Yalom³² propõe que o terapeuta olhe pela janela do “outro”, vendo o mundo como seu paciente o vê. O processo possibilita que o terapeuta esteja com o paciente, no mesmo plano, no mesmo nível, na mesma vivência, na mesma música, isento de hierarquias.

Retomando pontos que envolvem a religiosidade humana, para Eliade, “o sagrado manifesta-se sempre como uma realidade inteiramente diferente das realidades ‘naturais’”.³³ Na sua obra “*O sagrado e o profano*”, o autor coloca que o sagrado pode manifestar-se em qualquer objeto, e esse objeto, pode se tornar qualquer outra coisa, contudo, continua a ser ele mesmo. O ser humano arcaico, tendenciosamente viveu o mais possível no sagrado e perto dos objetos consagrados, já o ser humano moderno dessacralizou seu mundo e assumiu uma experiência profana, tendo uma dificuldade cada vez maior em reencontrar as dimensões existenciais do ser humano religioso das sociedades arcaicas.³⁴

A sociedade, com toda a sua “super”, “mega”, “hiper” modernidade, como sugere o filósofo francês Sébastien Charles,³⁵ se depara com uma situação incontrollável, a “drogadição”. Com bases na afirmação de Gustavo Gutierrez, de que “o mundo moderno não tem necessidade de uma interpretação vinda de fora (religiosa, por exemplo), pois o mundo é autossuficiente na compreensão que tem de si mesmo”,³⁶ pode-se colocar a seguinte provocação: o mundo é *autossuficiente* na compreensão *insuficiente* que tem de si mesmo. A partir dessa provocação pode-se entender o aumento recente da demanda religiosa na sociedade. Demanda essa, tão forte quanto já foi outrora (sociedade antiga), sendo que há pouco tempo tinha-se uma espécie de convenção pós-moderna de que a religião estava fadada ao fracasso. Entrementes, na provocação redigida acima, se vê a necessidade de que a “nova religiosidade contemporânea” seja pauta de novas reflexões teológicas, políticas e sociais por poder ser uma alternativa no devir de uma sociedade que

²⁹ DIAS, 2005. p. 43.

³⁰ RADOY, Rudolf E.; BOYLE, David J. *Psychological foundations of musical behavior*. 4 ed. Springfield, Illinois: Charles C Thomas/Publisher, Ltd, 2003. p. 35.

³¹ Em Musicoterapia, a música subsidia a comunicação entre paciente(s) e terapeuta e não exatamente a palavra. Informações musicais acenam para desajustes, para lacunas, para omissões, todos esses relacionados com o conflito que envolvem as substâncias psicoativas.

³² YALOM, Irvin D., *Os desafios da terapia*. Traduzido por Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. Traduzido de: *The gift of therapy*. p. 32.

³³ ELIADE, 1992. p. 14.

³⁴ ELIADE, 1992. p. 15-17.

³⁵ Palestra “*As doenças da pós modernidade*” de Sébastien Charles (Filósofo Francês, professor da Université de Sherbrooke, Québec, Canadá), 56ª Feira do Livro de Porto Alegre, 14 de novembro de 2010.

³⁶ GUTIERREZ, Gustavo. A teologia a partir do reverso da história. In: _____. *A força histórica dos pobres* (La fuerza histórica de los pobres). Petrópolis: Vozes, 1981 (1977). p. 261

“super” desenvolve-se (tecnologia, comunicação, etc.) dia após dia, mas que não consegue e/ou não quer resolver problemas originados e/ou disseminados por ela mesma.

Cada vez mais, o uso de drogas vai caracterizando-se como um dos maiores problemas de saúde pública, senão o maior. Devido ao alto índice de usuários e sua relação com a violência e a criminalidade, a “drogadição”³⁷ estrutura-se como um problema social complexo. A problemática relacionada ao uso de drogas alastra-se rapidamente entre as pessoas em vulnerabilidade social, que por suas dificuldades econômicas, familiares, sanitárias e educacionais encontram-se abstenhas à probabilidade de ficarem doentes e dependentes de substâncias psicoativas.³⁸

Dessa forma, a música, bem como a prática religiosa, a experiência com o sagrado, na reabilitação de indivíduos que fazem uso abusivo de psicoativos, propiciam uma ocupação e re-significação inexistente para esses seres humanos que vivem à margem da sociedade. Na intervenção musicoterapêutica, para o paciente, estar com o terapeuta na música, *significa*: estar junto, seguir uma ordem, uma organização, experimentar o belo, transcender a realidade. Recordando o entendimento do sagrado proposto por Otto, estar ou fazer parte de uma vivência religiosa, *significa* para o paciente, experimentar a lei, o *tremendus*, o poder terrível representado pela cólera divina, mas que ao mesmo tempo é o “Deus vivo”, a companhia, o não estar só.³⁹

Considerações finais

A intervenção musicoterapêutica, aliada à aptidão humana à música e à religião, podem ser alternativas que atualmente não são exploradas em larga escala. Há que se despertar o olhar para o uso abusivo de substâncias psicoativas. Sua configuração e estruturação como epidemia é uma problemática que encontra nas pessoas em vulnerabilidade social a sua rota. Pessoas sem família, com religiosidade, mas sem religião – e com um único motivo para viver: num ritual, usar substâncias.

Ao final deste trabalho, conclui-se que são de grande relevância as questões que envolvem música e religião. Na intervenção musicoterapêutica com indivíduos em reabilitação pelo uso abusivo de substâncias, a união da musicalidade e da religiosidade inerentes aos seres humanos, podem ser aditivos que preencham e auxiliem o indivíduo na abstinência. O uso da música e da religião altera o estado de espírito do ser humano. A união dessas pode oferecer e elaborar no plano terapêutico, uma perspectiva de vida jamais alcançada pelo indivíduo acometido pela referida patologia.

³⁷ Termo genérico usado para compreender a adição bioquímica pelo ser humano.

³⁸ PICCOLO, Fernanda Delvalhas; KNAUTH, Daniela Riva. Uso de drogas e sexualidade em tempos de AIDS e redução de danos. *Horizontes antropológicos*. v. 8, n. 17, p. 127-145, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v8n17/19079.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2011.

³⁹ ELIADE, 1992, p. 13

Pesquisas que identifiquem em que medida a união da música e os elementos que envolvem o Sagrado auxiliam o indivíduo no momento da abstinência podem contribuir sistematicamente na afirmação, reiteração ou negação do mesmo, em benefício à prática e a cientificidade da Musicoterapia, bem como das práticas religiosas.

Sem a pretensão de esgotar a discussão sobre a reabilitação, através da música, do público alvo aqui descrito, sendo a religiosidade humana algo a ser levado em consideração sempre, recomenda-se que mais estudos sejam realizados para aprofundar quais são as contribuições de uma intervenção musicoterapêutica que se aproprie, entre outros aspectos do comportamento cultural humano, da inerência religiosa humana. Sugere-se, outrossim, que pesquisas de campo sejam realizadas, confrontando seus achados com as informações preliminares aqui descritas.

Referências

ABBAGNAMO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Traduzido por Alfredo Bosi. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BRASIL. Ministério da Saúde. *Políticas públicas em contextos de violência relacionados ao consumo de álcool e outras drogas*. Brasília-DF: Ministério da Saúde, 2010.

CARVALHO, Any Raquel. *Contraponto modal: manual prático*. 2. ed. Porto Alegre: Evangraf, 2006.

CHAGAS, Marly; PEDRO, Rosa. *Musicoterapia: desafios entre a modernidade e a contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Mauad X: Bapera, 2008.

COLEÇÃO VOCÊ E SUA SAÚDE ESPECIAL. Crack. *É possível vencer a droga*. São Paulo: Editora Minuano, Ano I, Nº 01, 2011.

COSTA, Humberto. *A política do ministério da saúde*. Disponível em: <http://www.almg.gov.br/eventos/imagens/politica_ministerio_saude.pdf>. Acesso em: 11 de abril de 2011.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.

DIAS, Rosa Maria. *Nietzsche e a música*. São Paulo: Discurso Editorial; Ijuí: Editora UNIJUÍ, 2005.

ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. Tradução: Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GUTIERREZ, Gustavo. A teologia a partir do reverso da história. In: Id. *A força histórica dos pobres* (La fuerza histórica de los pobres). Petrópolis: Vozes, 1981 (1977).

LANGER, Susanne. K. *Filosofia em nova chave*. Trad. por Janete Meiches e J. Guinsburg. Título original: *Philosophy in a new key*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

LEINIG, Clotilde Espínola. *A Música e a Ciência se Encontram*. Curitiba: Juruá, 2008.

LEVITIN, Daniel J. *A música no seu cérebro: a ciência de uma obsessão humana*. Tradução de Clóvis Marques do Título original: *This is your brain on music: the science of a human obsession*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

LIMA, Elson S., AZEVEDO, Renata Cruz S. (Orgs). *Programa de prevenção ao uso abusivo de substâncias psicoativas lícitas e ilícitas na Unicamp*. Disponível em: <<http://www.prdu.unicamp.br/vivamais/Projeto.pdf>>. Acesso em: 02 de julho de 2011.

MICHAELIS. *Dicionário prático da língua portuguesa*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2008.

MILLÉO, José Carlos. *A utilização dos indicadores sociais pela geografia: uma análise crítica*. Niterói : s.n. , 2005.

MORAES, J. Jota de. *O que é música*. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1986.

PICCOLO, Fernanda Delvalhas; KNAUTH, Daniela Riva. Uso de drogas e sexualidade em tempos de AIDS e redução de danos. *Horizontes antropológicos*. v. 8, n. 17, p. 127-145, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v8n17/19079.pdf>>. Acesso em: 05 abr. 2011.

RADOCY, Rudolf E.; BOYLE, David J. *Psychological foundations of musical behavior*. 4 ed. Springfield, Illinois: Charles C Thomas/Publisher, Ltd, 2003.

ROSA, Sandro Santos da. *Musicoterapia e cuidado humano: reabilitação de pessoas que fazem uso abusivo de substâncias psicoativas*. São Leopoldo, RS, 2013. 144 p. Dissertação (Mestrado) - Escola Superior de Teologia, Programa de Pós-graduação, São Leopoldo, 2013. Disponível em: <http://tede.est.edu.br/tede/tde_arquivos/1/TDE-2013-08-21T043440Z-424/Publico/rosa_ss_tm259.pdf>. Acesso em: 02 set. 2013.

SCHALK, Carl F. *Lutero e a música: paradigmas de louvor*. Traduzido por Werner Ewald. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

YALOM, Irvin D., *Os desafios da terapia*. Traduzido por Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006. Traduzido de: *The gift of therapy*.

[Recebido em: novembro de 2013

Aceito em: abril de 2014]